

O CAFÉ, A LIVRARIA E A HERANÇA CLÁSSICA

THE CAFE, THE LIBRARY AND THE CLASSICAL HERITAGE

VASCO GIL MANTAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA – CECH

VSMANTAS@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-6109-4958](https://orcid.org/0000-0002-6109-4958)

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 29/03/2023

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 13/07/2023

Resumo: Procede-se a uma reflexão sobre o valor da Herança Clássica na sociedade contemporânea, ordenada sobre valores que lhe são alheios, considerados obsoletos e mesmo incorretos, ainda que continuem presentes e atuantes de múltiplas formas, para bem de um futuro que se apresenta nebuloso.

Palavras-chave: Cafés, Cultura Clássica, Humanismo, Literatura, Ideologia.

Abstract: We present a reflection on the value of Classical Heritage in contemporary society, based on values that are alien to it, considered obsolete and even incorrect, even though they continue to be present and active in multiple ways, for the sake of a future that appears nebulous.

Keywords: Cafes, Classical Culture, Humanism, Literature, Ideology.

Vivemos um tempo em que tudo o que antecedeu o *Windows 10* é considerado obsoleto e, portanto, dispensável e sem interesse. Um

tempo de humanidade obcecada pela tecnologia, em especial por uma tecnologia de saldo, com que todos os dias, queiramos ou não, somos fustigados, tal como de saldo podemos classificar muitas das miríficas propostas culturais – e outras – que nos são apresentadas por uma legião de comentadores e plumitivos, fenómeno que não deixa de evocar outra época de mudança, quando o Império Romano se transfigurou a caminho do autoritarismo orientalizador que o asfixiaria, assolado por misticismos à medida de multidões predispostas para experiências novas, multidões para quem os valores tradicionais já pouco diziam.¹

70 Longe vão as mais ou menos boas intenções do romano *Pasquino*,² pois os pasquins de hoje não nos procuram nada de válido, limitando-se a vender seja o que for, mesmo que seja mau, o que é, certamente, um conceito relativo, como tudo se pretende na atualidade, diretriz assumida em tempo de guerras velhas com nomes novos. E, nestes tempos de maravilhas apregoadas em que a Natureza começa a reclamar das barbaridades que a têm ferido, talvez apenas para satisfazer um falso progresso, eis que as palavras são, elas próprias, manipuladas para dizer agora o que antes era contrário, reflexo de uma deriva de perigosos contornos e obscuro fim, típica de uma época de declínio e de uma sociedade que mergulhou na dúvida e na crença sibarítica, versão pós-modernista.

Mas, a que propósito vêm aqui o café, a livraria e a herança clássica? Passo a explicar. Freqüente um café associado a uma livraria, um café que se introduziu no meu arquivo de memórias do qual, no apartado ‘cafés’, lembrarei sempre o mais belo estabelecimento desse

1 Grant 1967: 191-225.

2 Nome popular da mais famosa das *estátuas falantes* de Roma, neste caso uma maltratada escultura helenística, situada na *Piazza di Pasquino*, perto da *Piazza Navone*, desde o século XVI. Junto afixavam-se, e afixam-se ainda, folhetos satíricos de crítica às autoridades e à sociedade. Ficou famosa a crítica que denunciava a destruição de monumentos antigos pela família Barberini. O nome Pasquino parece relacionar-se com um antropónimo, mas as dúvidas subsistem.

tipo que algum dia conheci, o *Palladium* de Lisboa, com a sua decoração evocativa do mundo clássico, onde não faltavam grandes painéis com alusões ao ciclo troiano, uma bela Diana caçadora e uma alegoria do Império e dos produtos coloniais, o que hoje faria torcer o nariz a muita gente pretensamente ilustrada. Adiante.

Esta simbiose interessante entre café e livraria permite conjugar com os livros o gosto meridional pelo café como lugar de sociabilização, que se vai perdendo, como quase tudo o que vivemos, em nome de homogeneidades turísticas mais ou menos rentáveis.

Na época do *on-line* e das edições eletrónicas, que realmente mitigam o problema da escassez de espaço nos domicílios modernos, o gosto pelo livro físico, seja um policial de bolso de Simenon ou uma edição comemorativa de *Os Lusíadas*, dotado de um cheiro e textura própria, que permitiam ao rato Firmin conhecer as obras e as suas várias edições pelo gosto do papel,³ associado à pausa facultada pela bica, representam um interregno, um ato cultural que pode ser facilmente compreendido lembrando a frase com que David Mourão-Ferreira defendia a Cultura, no genérico de um esquecido programa radiofónico, uma vez que se trata de quebrar o círculo quotidiano da necessidade, integrando-se naquilo que não a serve, ou seja, a Cultura. O que talvez faça a sua força e, ao mesmo tempo, a sua fraqueza.

E aqui nos aproximamos da herança greco-romana, humanista, salva pelos livros ao longo de milhões de horas de trabalho de ignotos copistas até à invenção da imprensa e depois pela multiplicação das edições que permitiram limitar os inimagináveis estragos causados pelas guerras europeias e outras. Como todas as heranças, o Legado Clássico, para simplificar uma realidade que pode ser mais complexa, uma vez que engloba um ponto de encontro de culturas sob uma hegemonia reconhecida, ontem como hoje, pode ter herdeiros e continuadores, realidades substancialmente diferentes. Os herdeiros, com

3 Savage 2009: 25-26.

demasiada frequência, limitam-se a esbanjar o que receberam, situação que se assemelha ao que se vai passando. Os continuadores sentem-se motivados por um sentimento de continuidade, de salvaguarda de valores que, por serem próprios do Humanismo, são intemporais e válidos, hoje como o foram ontem.

Para os cultores do pós-modernismo fundamentalista, o legado do mundo clássico, como outros, aliás, transformou-se num alvo privilegiado, sujeito a críticas anacrônicas, que nalguns casos roçam o bizarro. Infelizmente, não faltam raposas no meio da capoeira universitária, protagonizando e estimulando purgas culturais, sob o manto muito pouco diáfano, aliás, de uma ideologia radical niilista. Talvez este quase ódio do que representa a essência do Humanismo ocidental – se é que ainda me é permitido o uso deste conceito em declínio – divergente do cânone global em vigor em que tudo se mistura, confunde e perde sentido, se situe um pouco na linha do tão apregoado e falacioso *Fim da História*.

72

Não seguiram os servidores do fundamentalismo islâmico uma ideia comparável ao empenharem-se na destruição de monumentos antigos no Próximo Oriente e Norte de África, pretendendo com isso destruir vestígios materiais de uma cultura que lhes aparece como estranha e inapropriada, enquanto o alvo no seio do Ocidente, nesta fase, consiste na demolição de ideias e comportamentos, sobretudo daqueles padrões que durante séculos determinaram as linhas de rumo da História? Que melhor forma de os prejudicar que atribuir-lhes a causa de todos os males do passado e do presente, tornando-os símbolos de vergonha e, portanto, de repulsa? Chegaremos, um dia, a ver queimar publicamente a *Eneida* ou *Os Lusíadas*? Dir-se-á que esta minha posição é passadista, alarmista ou exagerada. Para os que assim pensam, sugiro que acompanhem os noticiários e que analisem os artigos e o teor de alguns congressos recentes para que apreendam a gravidade da situação. Para quê a Cultura Clássica e o Humanismo nesta época de individualismo absoluto, em que os valores são, tantas

vezes, apenas os valores de mercado, seja lá o que se vende, coisas, ideias ou homens?

Durante séculos os valores greco-latinos, associados à mundividência cristã, que não deixou, não sem dificuldades, de contribuir para a preservação da herança de Atenas e de Roma, sem esquecer os contributos de muitos outros que se lhes juntaram, enriquecendo-a, constituíram parte fundamental da criação cultural e ideológica europeia e da educação das suas elites. Por isso, o ataque ao Humanismo começou por aí, minimizando-o no ensino, limitando-o, transfigurando-o. Isto, muito antes da destruição ou vandalização de memórias, que se vão tornando tão vulgares que quase são vistas como simples *faits divers* sem interesse, e da coerção psicológica estimulada pelo politicamente correto, que sempre apresenta tais atos como justificados.

Nada disto é inocente e merece redobrada atenção, ainda que a reconhecida pacatez portuguesa tenha limitado o impacte desta pretensa cruzada, não poucas vezes repleta de bizarras, como no caso da estátua do Padre António Vieira, em Lisboa, ou na retirada de um monumento ao imperador Augusto, numa universidade dos Estados Unidos, por representar o imperialismo ou ainda as edições expurgadas disto e daquilo que se vão amontoando. E que dizer do caso da professora demitida, na Flórida, por ter mostrado aos alunos uma imagem do David de Miguel Ângelo? O problema é que os maus exemplos seguem-se com facilidade e o resultado está à vista por todo o espaço geográfico que tem sido considerado o do mundo ocidental. Por vezes, fica-se com a sensação de que os ocidentais, ou os europeus, estão a descobrir que existem outras histórias, quando as há, mas estão a fazê-lo da pior maneira possível, obliterando ou denegrindo a sua própria realidade. Que alternativas autênticas nos propõem os mentores de tais políticas? Um mundo cheio de pretensos valores alternativos, materiais e hedonísticos, onde a automatização reina, com o apagamento obrigatório da condição humana e no qual continuamos muito longe de atingir aquele momento em que, como

escreveu o conhecido helenista Humphrey Kitto, haverá “um frigorífico em cada lar e dois em nenhum”.⁴

Mas voltemos ao café para nos ocuparmos da reflexão central deste conjunto de reflexões generalistas. Embora a ideia dominante em torno das Humanidades é a de que elas estão obsoletas, devido à sua própria essência, e por isso são perfeitamente dispensáveis, o que vi há dias no referido café-livraria deixa-me, não uma dúvida quanto a este ponto, mas apenas uma perplexidade. É verdade que se pode tratar apenas de uma coincidência, alheia à lógica do mercado, mas tais coincidências vão-se tornando cada vez mais raras e podemos considerá-las, como sucede noutros contextos, indicativas. Sentado à mesa e lançando o olhar sobre os expositores que ocupam o centro e o fundo da sala e depois acercando-me para confirmar o que a minha vista já não vê de forma clara, deparei com títulos e autores que, diretamente ou apenas como reflexo contemporâneo de figuras e histórias do passado clássico, parecem desmentir a tal condição de simples sequela cultural desajustada aos nossos dias.

74

Apontei alguns deles, que não representando, no conjunto, um número impressionante, julgo que comprovam a imprecisão da manobra falaciosa através da qual se pretende demonstrar a generalizada falta de interesse pela herança clássica e a sua ausência dos gostos contemporâneos. Vejamos então o que, naqueles frios dias de fevereiro, era visível nos expositores, não nas estantes que preenchem a livraria para lá do café, onde se encontrariam outros títulos, incluindo os numerosos romances mais ou menos históricos que vieram substituir os clássicos *Os últimos dias de Pompeia*, *Ben Hur*, *Fabiola* ou *Spartacus*, aliás, todos eles representativos de uma receção ideologicamente comprometida.

Vejamos o resultado das minhas anotações de uma semana, sem citar os títulos exatos das obras: Ulisses, Aquiles, *Ilíada*, Minotauro, Circe, Cassandra, Electra, *Eneida*, Virgílio, Séneca, Suetónio, Marco

4 Kitto 1960: 102.

Aurélio (os Gregos ganham...). Dir-se-á que são poucos, mas na verdade, tal como em epigrafia latina, não é por a amostra representar uma limitada percentagem do muito que um dia existiu que deixa de facultar informações fidedignas. Quando se pretende que o Legado Clássico já não tem lugar na Cultura Contemporânea, esta presença do mesmo, sob várias formas, intenções e sensibilidades, parece desmentir tal pretensão. É verdade que esta reunião de indicadores pode não se verificar todos os dias, mas basta o facto de ter acontecido para validar a ideia da perenidade da Cultura Clássica e da História Antiga. Cabe-nos fazer uma pergunta, lembrando o *Quem tem medo de Virginia Woolf?* Quem tem medo do Legado Clássico? Já agora, e de passagem, recorde que a escritora inglesa que inspirou o título do livro de Edward Albee, matriz de uma película cinematográfica de grande intensidade,⁵ incluiu com muita frequência nas suas obras apontamentos relacionados com Cultura Clássica e Arqueologia,⁶ reflexo de uma educação de forte componente humanista.⁷ Quem tem, pois, medo da herança greco-latina?

Talvez a resposta a esta pergunta resida na incapacidade de análise que os mentores dos vários ataques ao Humanismo clássico experimentam perante as suas próprias ilusões, alicerçadas em teorias de mudança radical, já não totalmente herdeiras das que moveram em 1968 os desordeiros que destruíram a grande maqueta de Roma⁸, existente em Paris no *Institut d'Art et d'Archéologie*, mas agora alargadas a um mundo de posições díspares, cujos programas se baseiam, fundamentalmente, em palavreado sem conteúdo sério e cujas intenções não suportam o desgaste imposto pelas realidades de um quotidiano onde as crises se acumulam, sem solução. Dirão que na Antiguidade

75

5 Albee 2011.

6 Tencionamos, um dia, elaborar um pequeno escrito sobre este aspeto da obra da malograda escritora inglesa, ativa durante um período crítico da história europeia e de grandes transformações na sociedade britânica.

7 Jones 2008: 26-49.

8 Mantas 2004: 115-127.

também houve crises, uma das quais lhe pôs fim irrevocável, apesar das diversas tentativas de *Renovatio* ensaiadas até aos nossos dias, sob formas políticas mais ou menos infelizes. Mas se estas falharam, e não poderia ser de outra forma porque a História não pára, a herança greco-latina conseguiu sobreviver, exatamente por ser de essência cultural e não estritamente civilizacional. Quando Mourão-Ferreira lembrou, no seu poema *Retrato de Rapariga*, que a Europa podia ser louca ou mitómana, adiantou logo que essa Europa personificada tinha *no rosto em vez de pó de arroz um pó de biblioteca*⁹, alusão a esses repositórios da Cultura que nos conferem identidade e que gostaríamos de ver mais frequentados por leitores. O que o poeta diz é que, para além das convulsões inevitáveis da História, pois temos História, não estórias mais ou menos *ad usum Delphini*, o que importa é a herança cultural, viva e atuante, a qual devemos aceitar sem receios ou vergonhas. No centro desse legado está a Cultura Clássica e a versão helenizada do Judaísmo,¹⁰ o que nos parece uma realidade indesmentível.

76

Os Gregos e os Romanos, *sensu lato*, não tinham telemóveis, com as suas infundáveis e abusivas aplicações, nem café ou aspirinas, levavam um mês (ou mais...) a viajar por mar de Alexandria a Marselha, mas conceberam conceitos sociais, ou valores, como *Areté, Polis, Isonomia, Eleutheria, Res Publica, Dignitas, Virtus* ou *Honos*, entre muitos outros.¹¹ Enquanto os respeitaram, existiram e, quando se perderam, em parte porque os perderam, deixaram-nos a sua memória, um legado imortal, uma e outra vez retomado, por vezes de forma quase inconsciente, porque tais conceitos assentam, simplesmente, naquilo que faz o homem ser Humano. O que temos debaixo dos olhos, infelizmente ignorado pelos que desprezam o que se pode deduzir do conhecimento histórico ou, pior, que o distorcem ou querem calar, soa como um

9 Mourão-Ferreira 1992: 123.

10 Mann 2008: 89.

11 Rocha Pereira 2004.

apelo poderoso: evocar o que foi grande no passado para enfrentar o presente e com isso ganhar o futuro.

O alerta foi lançado já há muitos anos, no ocaso da Europa imperial, por um grande escritor cuja nostalgia da Antiguidade era patente, escritor que já quase ninguém lê:

Il n'y a pas que les hommes, les dieux meurent aussi en Algérie, toutes nos bonnes vieilles idoles d'Occident avec leurs grands principes. Ils avaient régné sur les cités helléniques, sur Périclès, Platon et les jeux olympiques, sur le sénat romain et les juristes en toges, sur les catacombes et les cloîtres romains [...]. Souvent, il nous arrivait de les tourner en ridicule et plus souvent encore de les oublier. Mais de les voir agoniser sur la terre d'Afrique nous rappelle soudain combien ils nous étaient encore indispensables; ils faisaient toujours partie de nous-mêmes.¹²

O Legado Clássico, nas suas várias expressões, estará na primeira linha da restauração do espírito europeu e, talvez, ocidental, nesta hora de perigos, abstrusamente acariciados por muitos. Devo terminar, porque o café já arrefece, lembrando outro aviso, este deixado por uma poetisa cuja devoção ao Legado Clássico e ao que nele existe de Belo e de Bom, é bem conhecida: *De novo em Delfos o Python emerge / Do sono sob séculos contido*.¹³

77

BIBLIOGRAFIA

- Albee, Edward (2011), *Quem tem medo de Virgínia Woolf?*, Lisboa.
 Breyner, Sofia de Melo (1992), *Obra poética*, II, Lisboa.

¹² Lartéguy 1960: n.p.

¹³ Breyner 1992: 116.

Grant, Michael (1967), *O Mundo de Roma*, Lisboa.

Jones, Frances (2008), *Tirocinium Imperii: Public School Education in the Victorian Era, the Classical Curriculum and the British Imperial Ethos*, Middletown (CT).

Kitto, H. O. F. (1960), *Os Gregos*, Coimbra.

Lartéguy, Jean (1960), *Les dieux meurent en Algérie. Présentation*, Paris.

Mann, Thomas (2008), *Viagem marítima com D. Quixote*, Lisboa.

Mourão-Ferreira, David (1992), *A arte de amar*, Lisboa.

Rocha Pereira, M. H. da (2004), *Estudos sobre Roma Antiga, a Europa e o Legado Clássico*, Coimbra.

Savage, Sam (2009), *Firmin*, trad. de Sofia Gomes, Lisboa.